



A natureza da crítica do segundo Wittgenstein à tradição filosófica

Ricardo Peraça Cavassane¹

Resumo:

A segunda fase do pensamento wittgensteiniano caracteriza-se por uma forte crítica à sua primeira fase e à tradição filosófica, que culmina numa filosofia diferente e inovadora. O filósofo, no prefácio às *Investigações Filosóficas*, diz: “pareceu-me dever publicar juntos aqueles velhos pensamentos [o *Tractatus Logico-Philosophicus*] e os novos, pois estes apenas poderiam ser verdadeiramente compreendidos por sua oposição ao meu velho modo de pensar, tendo-o como pano de fundo”. Deste modo, este texto apresenta as ideias do segundo Wittgenstein em contraposição com as do primeiro. Do *Tractatus* para as *Investigações* muda também o estilo de exposição dos pensamentos: ao contrário do *Tractatus*, que contém proposições categóricas sistematicamente organizadas, nas *Investigações* não estamos diante de um sistema filosófico: nela há analogias, metáforas, ironias e estranhos diálogos que frequentemente terminam sem que uma resposta definitiva seja dada. Ambos os estilos se mostram condizentes com as pretensões filosóficas de Wittgenstein em cada uma das obras: se na primeira fase o propósito é a busca da verdade, na segunda fase sua ambição fica reduzida apenas a fazer pensar. É esse “fazer pensar” que fundamenta sua crítica à filosofia clássica e a si mesmo no *Tractatus*. Desse modo, procuramos avaliar o significado dessa postura e como, com ela, na assistemática das reflexões, uma crítica coerente vai sendo tecida ao longo das *Investigações*.

Palavras-chave: Wittgenstein. Tradição Filosófica. *Tractatus Logico-Philosophicus*. *Investigações Filosóficas*.

Abstract:

The second phase of the wittgensteinian thought characterizes itself by a strong critique to his second phase and to the philosophical tradition, which culminates in a different and innovative philosophy. The philosopher, in the preface to the *Philosophical Investigations*, says: “It suddenly seemed to me that I should publish those old thoughts [the *Tractatus Logico-Philosophicus*] and the new ones together: that the latter could be seen in the right light only by contrast with and against the background of my old way of thinking.”. This way, this text presents the ideas of the second Wittgenstein in counterposition with the ones of the first. From the *Tractatus* to the *Investigations* changes also the style of the exposure of the thought: in the contrary of the *Tractatus*, which contains categorical propositions systematically organized, at the *Investigations* we are not in front of a philosophical system: in it there are analogies, metaphors, ironies and strange dialogues which finish without any definitive answer is given. Both styles show to be consistent with the philosophical claims of Wittgenstein in each one of the works: IF in the first phase the purpose is the search for truth, in the second phase his ambition is reduced to “making think”. Is this “making think” that funds his critique to classic philosophy and to himself, in the *Tractatus*. This way, we claim to value the meaning of this posture and how, with it, in the assistematicity of the reflexions, a coherent critique is along with the *Investigations*.

Keywords: Wittgenstein. Philosophical Tradition. *Tractatus Logico-Philosophicus*. *Philosophical Investigations*.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília. Orientador: Prof^a Dr^a Clélia Aparecida Martins. Email: ricardo.peraca@gmail.com



Ludwig Wittgenstein é um dos muitos filósofos cujo pensamento pode ser dividido em diversas fases ou períodos. Neste caso, são duas as fases: a do “primeiro” Wittgenstein, cuja obra central é o *Tractatus Logico-Philosophicus*, e a do “segundo” ou “último” Wittgenstein, cuja obra principal é as *Investigações Filosóficas*. A segunda fase do pensamento wittgensteiniano caracteriza-se principalmente por uma forte crítica à tradição filosófica, crítica essa que abarca inclusive a filosofia de sua primeira fase, pois o segundo Wittgenstein “[...] chegou a considerar o método e as doutrinas do *Tractatus* como um paradigma de filosofia tradicional.” (FANN 1999, p. 76). O filósofo, no prefácio às *Investigações*, diz: “[...] pareceu-me dever publicar juntos aqueles velhos pensamentos [do *Tractatus*, R.P.C.] e os novos, pois estes apenas poderiam ser verdadeiramente compreendidos por sua oposição ao meu velho modo de pensar, tendo-o como pano de fundo.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 26). Deste modo, ao longo de toda a nossa investigação, apresentaremos as ideias do segundo Wittgenstein em contraposição com as do primeiro; tencionamos, com isso, apreender a natureza da filosofia da segunda fase deste pensador, uma natureza que então não se revela mediante a exposição sistemática de proposições categóricas e de argumentos consistentes, como era no *Tractatus*. Muito pelo contrário, agora “[...] as exposições de Wittgenstein estão cheias de analogias, imagens enigmáticas, estranhos jogos simulados de perguntas e respostas, comparações irônicas, que frequentemente desembocam em questões irrespondidas.” (STEGMÜLLER 1976, p. 431). Do *Tractatus* para as *Investigações*, portanto, muda significativamente o estilo de exposição dos pensamentos:

Enquanto no *Tractatus* nos defrontamos com proposições que se apresentam com uma espécie de categoricidade ‘absoluta’, que parecem não tolerar contradição alguma, nas *Investigações Filosóficas* Wittgenstein nos apresenta uma permanente dialética de tese e antítese que reflete a luta espiritual do Autor, luta na qual ele, incansavelmente, adota idéias de outros filósofos ou idéias que ele próprio defendera anteriormente, para então criticá-las a fundo e superá-las. (STEGMÜLLER 1976, p. 430).

Ambos os estilos se mostram condizentes com as pretensões filosóficas de Wittgenstein constituintes de cada uma das obras. No prefácio do *Tractatus* ele diz: “[...] a *verdade* dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva.



Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas.” (WITTGENSTEIN 1994, p. 133). De fato, após a publicação do *Tractatus*, ele abandona a filosofia temporariamente. Já no prefácio às *Investigações* ele é bem mais modesto: “Não desejaria, com minha obra, poupar aos outros o trabalho de pensar, mas sim, se for possível, estimular alguém a pensar por si próprio.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 26). Deste modo, a filosofia do segundo Wittgenstein rompe não somente com as opiniões e o estilo da tradição e do primeiro Wittgenstein, mas também com seus propósitos.

A filosofia deixa de ser uma espécie de ciência, que constrói teorias positivas acerca do mundo e que aspira à verdade, e passa a ser uma atividade terapêutica, cujo objetivo não é dar respostas às questões filosóficas, mas sim dissolvê-las; ela não mais busca a verdade, apenas visa “fazer pensar”. Dada a visão crítica em relação à tradição filosófica já não devemos mais tecer “considerações científicas”, nos resta um papel menos pretensioso:

[...] não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Não deve haver nada de hipotético em nossas considerações. Toda *elucidação* deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. (WITTGENSTEIN 1999, p. 65).

Consoante a essas considerações wittgenstenianas, compete-nos delimitar qual a natureza dessa crítica do segundo Wittgenstein ao primeiro e à tradição filosófica, crítica essa que culmina numa filosofia assistemática; e avaliar como, inversamente, na assistemática das reflexões, uma crítica coerente vai sendo tecida ao longo das *Investigações*.

A crítica wittgensteiniana à tradição filosófica pode ser resumida na seguinte tese: “Os filósofos são levados à confusão por estarem anteriormente dispostos a ver vários usos da linguagem de modos a eles inapropriados [pois possuem] uma tendência para ver a linguagem a partir de uma perspectiva equivocada ou desorientada.” (FOGELIN 1997, p. 34, tradução nossa). Mas que perspectiva equivocada é essa?

Há na tradição filosófica um recorrente entrelaçamento entre mundo, pensamento e linguagem ou, melhor dizendo, entre ontologia, epistemologia e filosofia da linguagem – entrelaçamento este que constitui a principal característica do *Tractatus*



–, e que foi responsável pelo surgimento de uma determinada “visão de mundo” que acabou por tornar-se constituinte dos fundamentos daquilo que comumente é denominado pela tradição de filosofia. São justamente esses fundamentos que Wittgenstein critica; portanto, sua crítica se dirige a tal entrelaçamento, que se mostra equivocado na medida em que representa um ideal e não a realidade acerca da linguagem. Citando Wittgenstein nas *Investigações*: “O ideal está instalado definitivamente em nossos pensamentos [...] De onde vem isso? A idéia é como óculos assentados sobre o nariz e o que vemos, vemos através deles. Nem nos ocorre a idéia de tirá-los.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 64). Assim, há um ideal atuante (geralmente tacitamente) nas considerações da tradição filosófica sobre a linguagem que leva a erros que, fazendo parte da base das teorias filosóficas, tornam-as completamente equivocadas. As principais características desse ideal, que recebem as críticas contundentes do segundo Wittgenstein, podem ser divididas, segundo Fogelin (1997), em duas categorias amplas: o referencialismo e o perfeccionismo lógico.

O referencialismo (ou a teoria referencial do significado) consiste numa determinada visão da linguagem que Wittgenstein resume na seguinte fórmula: “[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 27). Tal visão da linguagem é predominante na tradição filosófica, para a qual uma palavra tem significado se a ela corresponde um objeto, seja ele físico ou material, seja ele lógico ou racional, seja ele psicológico ou mental. Ela está também presente no *Tractatus*, e nessa obra é levada às últimas consequências, na forma de sua teoria da figuração, a qual, de modo sucinto, será exposta por nós mais adiante.

Wittgenstein abre as *Investigações* com a crítica à teoria referencial do significado, citando uma passagem das *Confissões* de Santo Agostinho, na qual tal teoria aparece de forma bastante simples. Primeiramente, observa Wittgenstein, Agostinho não fala de uma diferença entre espécies de palavras, e pensa apenas em nomes de coisas e de pessoas, e nos outros tipos de palavras como algo que se terminará por encontrar. A essa observação, Wittgenstein segue um exemplo, o da frase “cinco maçãs vermelhas”, e assim demonstra que nem todas as palavras possuem a mesma função – a saber, a de designar objetos – pois, embora faça sentido perguntar a que objeto se refere a palavra “maçã” e, em certo sentido, a que objeto se refere a palavra



“vermelho”, não faz sentido perguntar a que objeto se refere a palavra “cinco”. Como nota Fann (1999, p. 85-86, tradução nossa):

Tal pergunta tem sentido tão somente quando se supõe que a palavra ‘cinco’ desempenha a mesma função (ou pertence à mesma categoria) que ‘maçãs’ e ‘vermelho’ [...] A tendência a perguntar pelo *significado* de uma palavra, inclusive quando seu *uso* está perfeitamente claro, surge do ‘conceito filosófico de significado’ que ‘repousa em uma idéia primitiva acerca de como funciona a linguagem’.

Utilizando-se de mais exemplos, Wittgenstein reforça a idéia de que nem todas as palavras designam objetos, e que, portanto, a visão agostiniana da linguagem não explica todos os fenômenos linguísticos, e é, ao mesmo tempo, uma representação primitiva do funcionamento da linguagem e a representação de uma linguagem primitiva, insuficiente nela mesma para descrever a realidade, visto não alcançar a totalidade da significação dos objetos e elementos constitutivos desta realidade. Outro dos vários argumentos de Wittgenstein contra a teoria referencial é o fato de que, se o significado de uma palavra fosse o objeto por ela designado, ela perderia seu significado caso esse objeto desaparecesse. Aqui o uso da palavra “significação” é que está sob análise: quando se designa com esse substantivo a coisa que “corresponde” à palavra, indubitavelmente está se fazendo um uso incorreto:

Isto é, confunde-se a significação de um nome com o *portador* do nome. Se o sr. N. N. morre, diz-se que morre o portador do nome, e não que morre a significação do nome. E seria absurdo falar assim, pois se o nome deixasse de ter significação, não haveria nenhum sentido em dizer: ‘o sr. N. N. morreu’. (WITTGENSTEIN 1999, p. 42).

Mas afinal, a que confusões filosóficas pode levar uma tal visão da linguagem? No *Livro Azul* Wittgenstein nos dá uma resposta a esta pergunta:

As questões “O que é o comprimento?”, “O que é o significado?”, “O que é o número um?” etc., produzem em nós um espasmo mental. Nós sentimos que não podemos apontar para algo em resposta a elas, mas que devíamos apontar para algo. (Estamos frente a uma das grandes fontes de confusão filosófica: um substantivo nos faz buscar por uma coisa que corresponda a ele.) (WITTGENSTEIN 1998a, p. 1, tradução nossa).



Tal visão da linguagem encontra-se, portanto, na origem da metafísica. Cabe agora uma breve descrição da filosofia do *Tractatus*, pois nela Wittgenstein tenta resolver os problemas da teoria referencial do significado, e a saída por ele encontrada é justamente a metafísica. Segundo a teoria da figuração tractariana, “Aos objetos correspondem, na figuração, os elementos da figuração. Os elementos da figuração substituem nela os objetos” (WITTGENSTEIN 1994, p. 143). Ou seja, numa frase (que ele chama de figuração), cada palavra (que ele chama de elemento da figuração) corresponde a um objeto no mundo. Além disso, há uma estrutura lógica na figuração, responsável pela organização de seus elementos correspondentes à estrutura lógica do mundo, e que organiza os objetos em fatos: “Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras.” (WITTGENSTEIN 1994, p. 143).

As proposições da linguagem ordinária, embora tenham sentido tal como são, possuem vagueza e ambiguidade. Por conseguinte, mediante a análise lógica das proposições da linguagem ordinária é possível encontrar, eliminando-se toda e qualquer ambiguidade, as proposições atômicas, ou seja, aquelas que não são passíveis de ulterior análise e que se referem diretamente a fatos no mundo, constituídos de “objetos” simples. No *Tractatus*, porém, Wittgenstein não dá nenhum exemplo de “objeto simples”. Isso porque seus “objetos” não são empíricos, mas os elementos simples que constituem a substância do mundo. Em seus *Cadernos*, Wittgenstein diz:

Parece que a ideia do SIMPLES já está para ser encontrada contida na ideia de complexo e na ideia da análise, e de tal forma que chegamos a esta ideia completamente à parte de qualquer exemplo de objeto simples, ou de proposições que os mencionem, e compreendemos a existência do objeto simples – a priori – como uma necessidade lógica. (WITTGENSTEIN 1998b, p. 60, tradução nossa).

Por meio da criação de entidades metafísicas – os “objetos” – Wittgenstein tenta resolver o problema da perda de referência:

Os objetos tractarianos, [...] sendo eternos, asseguram a linguagem contra a ameaça da perda de referência [...] Sendo imutáveis, eles previnem contra a mudança arbitrária de significado. Sendo simples,



eles providenciam o ponto final da análise. (FOGELIN 1997, p. 41, tradução nossa).

Com a teoria referencial do significado surge, portanto, todo tipo de ficção metafísica, desde as ontológicas, como no caso do *Tractatus*, até as epistemológicas, nas quais se fala de “ideias” ou “representações” como se se tratassem de coisas. Quanto a isso diz Wittgenstein:

Como se chega ao problema filosófico dos processos anímicos e do behaviorismo? – O primeiro passo é inteiramente imperceptível. Falamos de processos e estados e deixamos indecisa sua natureza! Talvez venhamos a saber mais sobre ela – achamos. Mas, exatamente por isto, nos fixamos num determinado modo de ver. Pois temos um determinado conceito do que significa: aprender a conhecer um processo mais de perto. (O passo decisivo no espetáculo de prestidigitação foi dado, e justamente ele nos parecia inocente). (WITTGENSTEIN 1999, p. 109)

O outro aspecto criticado por Wittgenstein, talvez até mesmo mais importante – e ao mesmo tempo mais implícito do que o referencialismo – é o perfeccionismo lógico, um ideal de exatidão lógica que permeia toda a filosofia tradicional. Afinal, o que levou Wittgenstein a formular a filosofia do *Tractatus* foi a exigência da fundamentação de uma linguagem ideal, na qual desaparecesse toda a ambiguidade da linguagem ordinária. A análise lógica de uma proposição leva a apenas um resultado, e a proposição atômica se refere a um único fato atômico no mundo. Cada palavra, deste modo, tem um significado unívoco, pois se refere a um objeto simples. Este ideal de exatidão é criticado pelo segundo Wittgenstein com a demonstração de que a absolutização dos significados de “simples” e “exato” nos levam a erros filosóficos, tal como a absolutização do significado enquanto referencial também nos leva a erros filosóficos. Tanto “simples” e “complexo” quanto “exato” e “inexato” são palavras utilizadas de diversos modos, conforme a situação e os objetivos dos juízos de complexidade ou de exatidão. Complexidade ou exatidão absolutas não existem, portanto o ideal de exatidão é impossível de se alcançar.

Por que então a tradição filosófica teve por propósito atingir essa impossibilidade? A origem de tal visão da linguagem possuída pela tradição filosófica, a saber, de uma linguagem referencial e detentora de uma exatidão ideal, remonta a Platão, como nota o próprio Wittgenstein, que cita a seguinte passagem do diálogo



platônico Teeteto: “[...] para os *elementos primitivos* [...] dos quais nós e tudo mais somos compostos, não há nenhuma explicação; pois tudo o que é em si e por si pode apenas ser *designado* com nomes [...] Estes elementos primitivos eram os ‘*individuals*’ de Russell e os meus [isto é, do próprio Wittgenstein, R.P.C.] ‘objetos’.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 43-44). Foi primeiro em Platão que se colocou claramente a necessidade de uma exatidão na linguagem, de uma definição última de um termo, e também foi ele quem primeiro se utilizou de uma solução metafísica – com sua teoria das ideias – para resolver o problema da linguagem e do pensamento. Platão elevou a relação entre pensamento e linguagem já existente no *logos* grego à categoria ontológica, criando o entrelaçamento mundo-pensamento-linguagem do qual tratávamos no início deste texto. Na luta entre Platão e os sofistas, a tradição escolheu Platão e tomou para si sua “visão de mundo”. O segundo Wittgenstein abandona estes pressupostos da filosofia tradicional e faz uma filosofia que lembra, em alguns aspectos, o pensamento sofístico. O sofista Górgias, em seu *Da natureza, ou seja do Não-Ser*, diz:

Se houver coisas exteriores existentes fora de nós, serão objeto da visão, audição, olfato, tato, paladar. Nosso meio de comunicação é a palavra e nenhuma coisa externa nos é dada por meio da palavra. Assim como não vejo o som nem escuto as cores – cada sentido percebe o que lhe é próprio –, não posso, pela palavra, dizer coisas; pela palavra, digo palavras e não coisas. (CHAUI 2002, p. 173).

Ao contrário do primeiro Wittgenstein e da maioria dos filósofos da tradição, na segunda fase de seu pensamento, Wittgenstein procura rever tais pressupostos e encontra neles a fonte de muitos erros filosóficos. Sua crítica é à filosofia tradicional, criadora de sistemas teóricos que almejam a verdade, e por isso sua filosofia se faz de forma assistemática. Nas *Investigações*, é por meio da dúvida e da ironia acerca das ideias tradicionais a respeito da linguagem que vemos surgir o pensamento wittgensteiniano, cujo fundamento consiste numa espécie de pragmatismo, o qual recomenda que a nossa “[...] consideração deve ser modificada, mas tendo como centro nossa verdadeira necessidade.” (WITTGENSTEIN 1999, p. 64). Não mais se busca, como no *Tractatus*, criar uma teoria que fundamente uma linguagem ideal, mas sim descrever a realidade da linguagem – deste modo ela é vista, nas *Investigações*, como uma ferramenta de interação social, que assume vários modos, chamados de “jogos de linguagem”, de acordo com a função a ser realizada e com a cultura da qual ela emerge.



40 Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

A filosofia passa a ser vista não como uma rival da ciência, criadora de teorias positivas, mas como uma atividade terapêutica cujo objetivo é dissolver os problemas filosóficos:

Estes problemas não são empíricos, mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: *contra* o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido. A filosofia é uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem. (WITTGENSTEIN 1999, p. 65).

A filosofia do segundo Wittgenstein é, por conseguinte, o campo de batalha de tal luta, e os principais inimigos são os pressupostos básicos da filosofia tradicional. Com sua crítica, o filósofo dá um novo estatuto à filosofia e dissolve muitas questões que se mostravam como problemas filosóficos e que não passavam de uma “visão de mundo” equivocada. Wittgenstein “[...] não sugere que nós troquemos nossos óculos por um par melhor. Nós deveríamos simplesmente retirá-los, pois nosso modo ‘incorreto’ de ver o mundo era inicialmente adequado.” (FOGELIN 1997, p. 34, tradução nossa). Com base nesse novo norte, a visão não contaminada por teorias é a correta:

O método puramente *apriorístico* do *Tractatus* é submetido à crítica e agora recomenda (em certo sentido) o método *a posteriori* de investigar os fenômenos reais da linguagem. Esta mudança quanto ao método é o que constitui a ruptura entre o primeiro e o último Wittgenstein. (FANN 1999, p. 62).

No primeiro Wittgenstein, a exatidão lógica era um requisito – e não uma conclusão – de sua teoria. Abandonado esse requisito, o segundo Wittgenstein está livre para ver a realidade da linguagem. No *Tractatus*, a consequência última da teoria da figuração é “o que não pode ser dito”, expresso na fórmula: “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar.” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 218). As proposições que, quando analisadas, revelavam não se referir aos fatos possíveis, eram consideradas sem sentido. No segundo Wittgenstein tal conclusão desaparece: somos livres para expressar, mediante os diferentes jogos de linguagem, todo e qualquer conteúdo que se pretenda.



40 Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

Referências

- CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia* – Vol. 1. Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FANN, K. T. *El concepto de filosofía en Wittgenstein*. Madri: Editorial Tecnos, 1999.
- FOGELIN, R. J. Wittgenstein's critique of philosophy. In: SLUGA, H. D.; STERN, D. G. (Org.). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 34-58.
- STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea* – Introdução Crítica, Vol. 1. Tradução: Edwino A. Royer. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.
- WITTGENSTEIN, L. *The Blue and Brown Books*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998a.
- _____. *Notebooks* – 1914-1916. Oxford: Blackwell Publishers, 1998b.
- _____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- _____. *Investigações Filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).